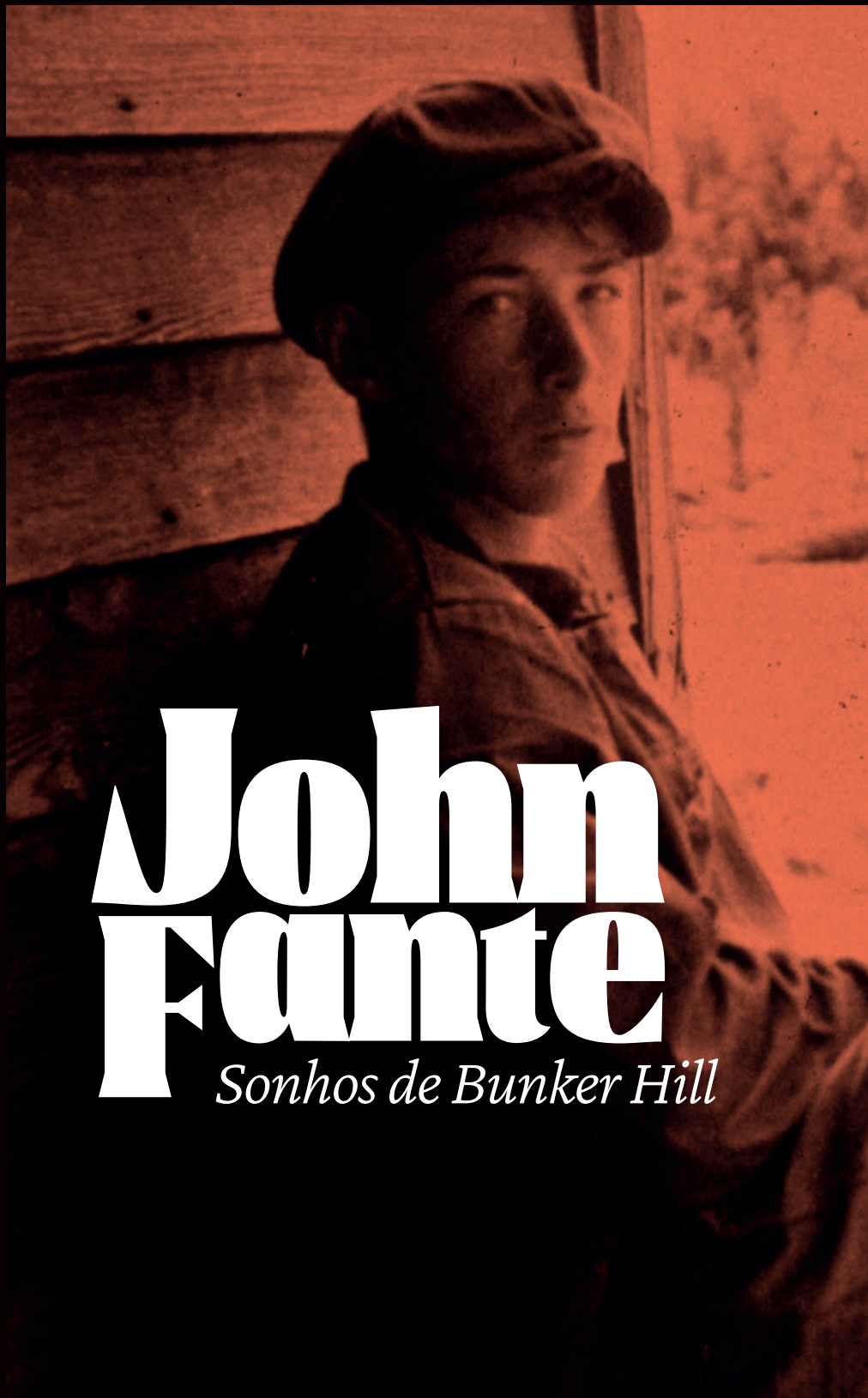


ALFAGUARA



John Faunt

Sonhos de Bunker Hill

Tradução de Vasco Gato

Também para a Joyce

O meu primeiro embate com a fama pouco teve de memorável. Eu era ajudante de empregado de mesa na Marx's Deli. Corria o ano de 1934. O local ficava no cruzamento entre a Third Street e a Hill Street, em Los Angeles. Eu tinha vinte e um anos, vivia num mundo delimitado a ocidente por Bunker Hill, a oriente pela Los Angeles Street, a sul pela Pershing Square e a norte pelo Centro Cívico. Era um empregado incomparável, com vigor e estilo para a profissão, que, embora extremamente mal pago (um dólar por dia mais refeições), atraía uma considerável dose de atenção quando rodopiava de mesa em mesa, equilibrando numa mão uma travessa e arrancando sorrisos aos fregueses. Tinha algo mais para oferecer aos meus clientes habituais além da perícia de empregado, uma vez que também era escritor. Tal fenómeno tornou-se conhecido certo dia, depois de uma fotógrafa bêbeda do *Los Angeles Times*, que se sentara ao balcão, me ter tirado diversas fotografias a servir um cliente enquanto me fitava com olhos de admiração. No dia seguinte saiu no *Times* uma reportagem de fundo associada à fotografia. Falava da pertinácia e do sucesso do jovem Arturo Bandini, um rapaz ambicioso e trabalhador do Colorado, que singrara no difícil mundo das revistas vendendo o seu primeiro conto à *Fénix Americana*, que era editada, naturalmente,

pelo mais célebre vulto da literatura norte-americana, nem mais nem menos do que o Heinrich Muller. O Muller! A adoração que eu tinha por aquele tipo! Aliás, as minhas primeiras criações literárias consistiram em cartas que lhe dirigi, pedindo-lhe conselhos, enviando-lhe ideias para contos que talvez viesse a escrever e, por fim, enviando-lhe contos também, vários contos, um conto por semana, até que mesmo o Heinrich Muller, esse rezingão do mundo literário, esse tigre enfiado na sua toca, terá abdicado da sua resistência dignando-se a escrever-me uma carta com duas linhas, e depois uma segunda carta com quatro linhas, e por fim uma carta de duas páginas com vinte e quatro linhas. E a seguir, para espanto do espanto, um cheque de cento e cinquenta dólares, pagamento integral relativo ao meu primeiro texto publicado.

No dia em que o cheque chegou, eu estava andrajoso. As roupas anódinas do Colorado pendiam-me do corpo aos farrapos, e a primeira coisa em que pensei foi num guarda-roupa novo. Visando a frugalidade sem comprometer o bom gosto, desci Bunker Hill até ao cruzamento da Second Street com a Broadway, dirigindo-me à loja da Goodwill. Fui abrindo caminho até à secção de melhor qualidade, onde encontrei um excelente fato azul às riscas brancas. As calças eram demasiado compridas, tal como as mangas, e o conjunto custava dez dólares. Por mais um dólar mandei arranjar o fato e, enquanto isso, dei uma volta pela secção das camisas. As camisas custavam quinze cêntimos cada, eram de excelente qualidade e havia-as de todo o tipo. Depois comprei um par de sapatos: uns belos sapatos rasos de sola grossa, de puro cabedal, sapatos que nos meses seguintes me levariam pelas ruas de Los Angeles. Ainda levei outras coisas, vários pares de cuecas e *T-shirts*, uma dúzia de pares

de meias, umas quantas gravatas e por fim um irresistível e glorioso chapéu de veludo. Colocando-o de lado na cabeça com um gesto desenvolto, saí da cabine de provas e paguei a minha conta. Vinte dólares. Era a primeira vez na vida que comprava roupas para mim mesmo. Ao avaliar o meu reflexo num espelho comprido, não pude evitar a recordação de que, nos anos passados no Colorado, a minha gente fora demasiado pobre para me comprar um fato, nem mesmo para a cerimónia de formatura do liceu. Enfim, agora eu estava encaminhado, nada poderia travar-me. O Heinrich Muller, esse tigre feroz do mundo literário, conduzir-me-ia até ao topo. Saí da Goodwill e subi a Third Street como um homem novo. O meu chefe, o Abe Marx, estava à porta da mercearia no momento em que me aproximei.

— Deus do Céu, Bandini! — exclamou ele. — Foste à Goodwill ou quê?

— Goodwill, uma ova — resmunguei. — Isto veio directamente da Bullock's, seu imbecil.

Dias depois, o Abe Marx entregou-me um cartão-de-visita que dizia:

Dr. Gustave Du Mont
Agente Literário
Preparação e Edição
de livros, peças, cenários e contos
Perito em supervisão editorial
513 Third Street, Los Angeles
Sem paciência para empatas

Enfiei o cartão no bolso do meu novo fato. Apanhei o elevador para o quinto piso. O escritório do Du Mont ficava ao fundo do corredor. Entrei.

A recepção revirou-me o estômago como um terremoto. Sustive a respiração e olhei em volta. Aquilo estava cheio de gatos. Gatos em cima das cadeiras, em cima das sanefas, em cima da máquina de escrever. Gatos no cimo das estantes, dentro das estantes. O fedor era avassalador. Os gatos puseram-se de pé e enroscaram-se à minha volta, prendendo-me as pernas, rebolando divertidos sobre os meus pés. Pelo chão e na superfície da mobília, erguia-se e redemoinhava uma película de pêlo de gato como uma poça de água. Abeirei-me de uma janela aberta e olhei para baixo, pela escada de incêndio. Havia gatos a subir e a descer. Um bicho enorme e cinzento trepava na minha direcção, com uma cabeça de salmão na boca. Passou por mim de raspão e pulou para o escritório.

O torvelinho de pêlo de gato já rodopiava no ar. Abriu-se uma porta interna do gabinete. Era o Gustave Du Mont, um homem baixo e envelhecido, com olhos que pareciam cerejas. Agitando os braços, avançou por entre os gatos aos guinchos.

— Lá para fora! Lá para fora! Vá, todos! Está na hora de ir para casa!

Os gatos ficaram a deslizar a seu bel-prazer, alguns parando aos pés dele, outros arranhando-lhe as calças, brincalhões. Eram os donos dele. O Du Mont suspirou, ergueu as mãos no ar e disse:

— Em que posso ajudá-lo?

— Venho da mercearia cá de baixo. Deixou lá o seu cartão.

— Faça o favor de entrar.

Entrei no seu gabinete e ele fechou a porta. Estávamos numa pequena sala, na presença de três gatos refastelados no alto de uma estante. Eram felinos de elite, uns persas

enormes, que lambiam as patas com aprumo régio. Fiquei a olhar para eles. O Du Mont pareceu ter compreendido.

— São os meus preferidos — sorriu, abrindo a gaveta da secretária e retirando uma garrafinha de uísque. — Vai um almocinho, caro rapaz?

— Não, obrigado, senhor Du Mont. Por que motivo desejava falar comigo?

O Du Mont destapou a garrafa, deu um gole e arquejou.

— Li o teu conto. Escreves bem. Não devias andar a servir às mesas. O teu lugar é em ambientes mais agradáveis — disse o Du Mont, dando novo gole. — Queres um emprego?

Eu olhei para aqueles gatos todos.

— Talvez. Qual é a sua ideia?

— Estou a precisar de um editor.

Senti o cheiro pungente de toda aquela gataria.

— Não sei se iria aguentar.

— Referes-te aos gatos? Eu trato disso.

Reflecti por um instante.

— Enfim... o que é que gostaria que eu editasse?

Ele afinhou novamente na garrafa.

— Romances, contos, tudo o que apareça por aí.

Eu hesitei.

— Posso dar uma olhadela?

O punho dele precipitou-se sobre uma pilha de manuscritos.

— Estás à vontade.

Peguei no manuscrito de cima. Era um conto, escrito por uma tal Jennifer Lovelace, intitulado *Paixão ao Amanhecer*. Soltei um gemido.

O Du Mont bebeu mais um trago.

— É terrível — disse ele. — É tudo terrível. Já não consigo ler nada. É a pior escrita que já vi. Mas, se tiveres estômago para isso, pode render um bom dinheiro. Quanto piores forem, mais tu cobras.

A parte da frente do meu novo fato estava já completamente coberta de pêlo de gato. Senti comichão no nariz e um espirro a aproximar-se. Reprimi-o.

— Qual é o salário?

— Cinco dólares por semana.

— Chiça, isso só dá um dólar por dia.

— É canja.

Peguei na garrafa e dei um gole que me queimou a garganta. Sabia a mijo de gato.

— Dez dólares por semana ou nada feito.

O Du Mont estendeu o punho.

— Aperta aqui — disse ele. — Começas na segunda-feira.

Segunda-feira de manhã apresentei-me ao trabalho às nove horas. Quanto aos gatos, nem vê-los. A janela estava fechada. A recepção fora remodelada. Junto da janela havia uma secretária para mim. Estava tudo limpo e arrumado. Nem um fio de pêlo de gato se agarrou ao meu dedo quando o passei pelo parapeito da janela. Farejei o ar. A urina continuava potente, ainda que disfarçada sob um poderoso desinfectante. Juntava-se a isso um outro odor: repelente de gatos. Sentei-me à secretária e puxei a máquina de escrever para mim. Era uma *Underwood* antiga. Introduzi uma folha de papel no rolo e experimentei o teclado. A máquina a funcionar parecia um cortador de relva ferrugento. De repente, senti-me agastado. Havia qualquer coisa naquele emprego que me deixava apreensivo. Porque haveria eu de intervir no produto de outrem? Porque

é que não estava no meu quarto a escrever coisas minhas? O que faria o Heinrich Muller numa situação destas? Eu só podia ser um idiota.

A porta abriu-se e apareceu o Du Mont. Surpreendeu-me vê-lo de chapéu de coco, com um colete cinzento por baixo da sobrecasaca, polainitos e ostentando uma bengala. Embora eu nunca tivesse estado em Paris, a visão daquele homenzinho janota fez-me lembrar esse sítio. Seria maluco? De repente, achei que sim.

— Bom dia — disse ele. — Que tal as instalações?

— O que é feito dos gatos?

— É do desinfectante — respondeu. — Afasta-os.

Não te preocupes. Eu conheço os gatos. Não vão voltar.

Pendurou o chapéu e a bengala em dois cabides, na porta. Depois, puxou uma cadeira e ficámos sentados lado a lado à secretária. Ele pegou no manuscrito de cima, *Paixão ao Amanhecer*, da Jennifer Lovelace, e começou a ensinar-me a arte da revisão literária. Fê-lo de forma brutal, pois aquela era, na verdade, uma tarefa brutal. De lápis de cera preto na mão, foi marcando e riscando e obliterando frases, parágrafos e páginas inteiras. O manuscrito emagreceu bastante após a mutilação. Apanhei rapidamente a ideia e, ao final do dia, já eu retalhava sem parar.

Ao fim da tarde ouvi uma pancada na janela. Era um gato, velhote e com um focinho marcado e desamparado. Espreitava-me através do vidro, esfregando o nariz contra ele e lambendo-o, na expectativa. Ignorei-o por instantes e, quando voltei a olhar, estavam com ele outros dois gatos no parapeito da janela, a espiar-me com um olhar suplicante de órfãos. Não consegui aguentar. Desci de elevador até à mercearia e fui buscar umas fatias de *pastrami* ao caixote do lixo. Embrulhei-as num guardanapo e levei-as para os gatos.

Assim que abri a janela, eles irromperam pela sala adentro e vieram comer sofregamente à minha mão.

Ouvi o Du Mont a rir-se. Estava à porta do seu gabinete, com um dos seus três persas nos braços.

— Eu bem sabia que eras um amante de gatos — disse ele. — Percebia-se nos teus olhos.

Demorei três dias a rever o conto da Jennifer Lovelace. A versão dela tinha trinta páginas. A minha reduziu o manuscrito a metade. Não era propriamente um mau conto; estava apenas mal construído e mal enunciado, aquela história sobre seis professores primários que atravessavam planícies numa carroça coberta, enfrentando escaramuças com índios e foras-da-lei até chegarem, por fim, a Stockton. Satisfeito com aquilo que fizera, levei o manuscrito ao Du Mont. Ele soprou-o e torceu o nariz.

— Não podias ter deixado mais dez páginas? — perguntou.

— Assim está bem — insisti eu. — Não vou acrescentar nem mais uma frase. Acho que a Jennifer Lovelace vai gostar.

Ele pegou no telefone.

— Vou dizer-lhe que o manuscrito está pronto.

Estava eu a dar de comer aos gatos na tarde seguinte quando a Jennifer apareceu. A beleza dela era estonteante. Vinha com um fato branco de linho, meias pretas finas e sapatos pretos, e uma carteira preta a balouçar no braço. Os cabelos eram uma espuma de um negro reluzente, o rosto extravagante, iluminado por olhos negros. Com tanto para ver quando olhei para ela, os meus olhos pousaram no contorno do seu corpo, na sensualidade da cintura e das ancas, torturantes, provocadoras, inacreditáveis.

Eu tinha visto milhares de mulheres bonitas desde que chegara a Los Angeles, mas a beleza da Jennifer Lovelace agarrou-me pelos colarinhos.

— Olá — disse eu, pondo-me de pé, todo desengonçado.

— Boa tarde — sorriu ela. — Sou a Jennifer Lovelace. O Dr. Du Mont está?

— Vou ver. Faça o favor de se sentar.

Ela sentou-se, flutuante, numa cadeira, como se fosse uma almofada primorosa de cetim, e eu fiquei a contemplar a mecânica dos seus joelhos, das suas coxas, das suas ancas. Entrelaçou as mãos requintadas no colo e eu senti um júbilo de prazer. Bati à porta do Du Mont e ele gritou-me que entrasse. Ao fazê-lo, fechei cuidadosamente a porta e sussurrei:

— Ela está cá.

— Chiu! — disse o Du Mont, comprimindo os lábios. — Ela que espere um bocadinho. É rica.

— *Parece* rica.

Tirando do bolso do colete um relógio de ouro, o Du Mont ficou a olhar para ele aí um demorado minuto. Depois, soltou:

— Agora! Trá-la cá!

Ao abrir a porta deparei-me com ela sentada, em paciente aprumo, como uma rainha.

— Faça o favor de entrar — disse-lhe.

— Obrigada — respondeu ela, levantando-se.

Conforme ela avançava para o gabinete do Du Mont, reparei nas costas do seu fato cobertas de pêlo de gato.

— Espere! — disse eu.

Ela estacou e olhou-me com pasmo. Ali estava a minha oportunidade. Ajoelhei-me atrás dela e comecei a escovar

o pêlo de gato das suas nádegas gloriosas, sentindo-lhe as coxas musculadas e tensas, a redondez do seu traseiro esplendoroso. Ela rodopiou para longe de mim.

— O que é que está a fazer? — inquiriu. — O que vem a ser isto?

— Os gatos — expliquei, estendendo as duas mãos cobertas de pêlo de gato.

Ela torceu o tronco para espreitar o pêlo pegadiço e começou a sacudi-lo com uma das mãos. Eu rastejei para a ajudar e ela empurrou-me.

— Por favor! — implorou. — Deixe-me em paz.

Por esta altura, já o Du Mont se encontrava ao lado dela, galante, sereno.

— Entre, minha querida — sossegou-a ele, transpondo com ela a porta e fechando-a.

Eu fiquei ajoelhado no chão, desconcertado e envergonhado, com os gatos num turbilhão à minha volta, lançando gemidos por comida.

No gabinete do Du Mont fez-se silêncio. Ainda de joelhos, espreitei pelo buraco da fechadura e vi a Jennifer sentada em frente da secretária do Du Mont. O rosto dela desenhava um esgar de fúria enquanto ia lendo o manuscrito revisto do seu conto.

— O meu manuscrito! — arquejou ela. — O que é que lhe aconteceu? — perguntou, apalpando a carteira. — Dê-me um cigarro, por favor.

O Du Mont estendeu-lhe um cigarro.

— O que é que fez ao meu conto, Dr. Du Mont? Deu cabo dele, do meu belo conto! Como é que foi capaz de me fazer uma coisa destas?

O Du Mont ergueu as palmas das mãos num gesto apaziguador.

— Eu não fiz nada, minha querida — mentiu ele. — Não tinha noção de que ele andava a tratar disso.

A Jennifer Lovelace enrijeceu.

— Ele? Ele quem?

O Du Mont não proferiu uma palavra. Limitou-se a apontar acusatoriamente com a cabeça para a porta da recepção. Assim que a Jennifer Lovelace se levantou de um salto, eu arranquei direito ao corredor, descí as escadas, atravessei a mercearia e saí pelos fundos para o beco. Encontrando aí um caixote, sentei-me nele a fumar um cigarro, com as mãos a tremer. Reparei nos gatos à minha volta, o mesmo bando que visitava o meu escritório. Olhavam-me com curiosidade, interrogando-se o que estaria eu a fazer ali no território deles.

Olhei para cima, para a janela do meu escritório. Não podia lá voltar. Não iria lá voltar. Sentia-me traído. O Du Mont passara-me a perna. Aquela edição selvagem do manuscrito da Jennifer enchia-me agora de vergonha. Se alguém tivesse retalhado um trabalho meu daquela forma, eu ter-lhe-ia dado um murro. Pensei no que o Heinrich Muller diria a respeito da minha integridade. Integridade! Ri-me. Integridade, o tanas. Eu era um zé-ninguém, um zero à esquerda. Que se lixasse. Decidi ir comprar um par de calças. Ainda me sobravam mais de cem dólares. Iria estourar dinheiro e esquecer os meus problemas fazendo despesas extravagantes. Afinal, para que é que servia o dinheiro?

Escolhi e experimentei três pares de calças na Goodwill. Estranhamente, não me favoreciam nada. Olhei-me ao espelho comprido e ali estava eu: o borra-botas, o zero à esquerda. Vergonhoso diante do Heinrich Muller, essa eminência da literatura.

Atravessando a Third e a Hill para chegar ao Angel's Flight, meti-me no ascensor e sentei-me. O único passageiro além de mim era uma rapariga que ia a ler um livro do lado oposto do corredor. Trazia um vestido simples e não usava meias. Era bastante atraente, embora não fizesse o meu género. Assim que o mecanismo se pôs em marcha com um solavanco, ela mudou-se para outro lugar. Rabo, nem vê-lo, pensei eu. Ela tinha rabo, claro, mas longe do esplendor do rabo da Jennifer Lovelace. Longe da nobreza, da magnificência de um objecto de beleza. Um simples rabo, um rabo vulgar. Eu não estava nos meus dias.

Saí do teleférico no cimo do Angel's Flight e comecei a descer a Third Street em direcção ao meu hotel. Às tantas, decidi tomar um café e fumar um cigarro num restaurantinho japonês umas portas mais à frente. O café diluiu-me a melancolia e segui viagem para o hotel. A senhoria estava na entrada, sentada à secretária. A primeira coisa em que reparei foi num número da *Fénix Americana*, que estava exactamente onde eu o deixara três semanas antes. Irritado, investi audaciosamente para a secretária e peguei nele.

— Não o leu, pois não?

Ela sorriu com hostilidade.

— Não, não li.

— E porque não? — perguntei.

— Aborreceu-me. Li o primeiro parágrafo e bastou-me.

Pus a revista debaixo do braço.

— Vou-me embora — disse eu. — Muito em breve.

— Como queira.

Afastei-me pelo corredor. Ao rodar a chave na porta, ouvi o clique de uma fechadura no extremo oposto

do corredor. A porta abriu-se e saiu a rapariga do eléctrico. Ainda trazia na mão o livro, que era o *Nana*, do Zola. Cumprimentou-me com um sorriso.

— Olá! — disse eu. — Não sabia que moravas aqui.

— Acabei de me mudar para cá.

— Trabalhas por aqui?

— Pode dizer-se que sim — respondeu ela, com um olhar sensual. — Gostavas de me ver?

— Quando?

— E que tal agora?

Eu não sentia desejo por ela. Nada nela me atraía, mas eu tinha de me mostrar viril. Situações como esta só se resolvem de uma forma.

— Claro — disse eu.

Ela acendeu nos seus olhos uma chama mínima de sensualidade e abriu a porta do quarto.

— De que é que estamos à espera? — perguntou.

Eu hesitei. Deus me acuda, pensei, enquanto percorria o corredor para entrar no quarto dela.

Ela seguiu-me e fechou a porta.

— Como é que te chamas, fofo?

— Arturo — disse eu. — Arturo Bandini.

Ela esticou os braços e despiu-me o casaco.

— Quanto? — perguntei eu.

— Cinco.

Ela virou-me para que eu a encarasse e começou a desabotoar-me a camisa. Pendurando-a numa cadeira, avançou para a casa de banho.

— Só um segundo.

Entrou na casa de banho e fechou a porta. Eu senti-me na cama e despi-me. Estava nu quando ela apareceu. Tentei disfarçar a minha desilusão. Embora limpa e lavada,

ela era de certa forma impura. O rabo pendia como uma criança órfã. Jamais daríamos certo, nós. A minha presença ali era uma loucura. Ela pegou-me na verga e levou-me até à casa de banho. Lavou-me e ensaboou-me o ventre e os dedos dela massajaram-me com afinco o besugo, sem que houvesse reacção. Eu só pensava na Jennifer Lovelace e na galantaria das suas ilhargas. Depois, ela limpou-me com uma toalha e regressámos ao quarto, onde nos deitámos na cama. Completamente nua, ela abriu-se toda e eu deixei-me estar ao seu lado.

— Força — disse ela.

Passei-lhe um dedo pelos pêlos púbicos.

— Importas-te que leia? — perguntou ela. — Passa-me aí o meu livro.

Eu dei-lhe o livro e ela abriu-o na página em que ia e pôs-se a ler. Eu fiquei para ali a meditar. Deus do Céu, e se a minha mãe cá entrasse? Ou o meu pai? Ou o Heinrich Muller? Onde é que a coisa iria parar? Ela apontou com a cabeça para uma taça com maçãs que estava à cabeceira da cama.

— Vai uma maçã? — perguntou.

— Não, obrigado.

— Dá-me aí uma, por favor.

Eu passei-lhe uma maçã. E ela pôs-se a ler e a comer.

— Anda lá, fofo — incitou ela. — Diverte-te.

Eu lancei as pernas para fora da cama e levantei-me.

— O que é que se passa? — perguntou-me, num tom de voz hostil.

— Não te preocupes que eu pago.

— Queres que te chupe?

— Não — disse eu.

Ela fechou o livro com veemência.

— Sabes qual é o teu problema, puto? És maricas. É esse o teu problema. És um paneleiro. Conheço bem os da tua laia.

Pegando-me no casaco, nas calças, nas cuecas, nas meias e nos sapatos, correu para a porta e atirou com tudo para o corredor. Eu saí e comecei a apanhar os meus pertences.

— Fico a dever-te cinco dólares — disse eu.

— Não ficas nada. Não me deves nada.

Procurei a chave da porta às apalpadelas no bolso do casaco. Ao fundo do corredor, observando-me de braços cruzados, estava a Sr.^a Brownell, a senhoria. Rodei a chave e enfiei-me no meu quarto.

Sentia-me aliviado, salvo, resgatado. Aproximei-me da janela para espiar a grande cidade que se espraiava debaixo de mim. Era como ter vista para o mundo inteiro. Ao longe, a sudoeste, o sol açoitava o oceano com barras de luz celeste. Uma mensagem divina. Um sinal. O Menino Jesus na manjedoura, a luz da Estrela de Belém. Caí de joelhos.

— Ó abençoado Menino Jesus — rezei. — Obrigado por me salvares neste dia. Abençoado sejas pela vaga de bondade divina que me afastou daquele quarto de pecado. Juro que jamais voltarei a pecar. Recordarei para o resto da minha vida a tua gloriosa intervenção. Obrigado, pequeno Filho de Deus. Serei doravante teu devoto servo, para sempre.

Benzi-me e pus-me de pé. Sentia-me mesmo bem, revigorado pelas sensações da minha tenra infância. Precisava de entrar em contacto com a Jennifer Lovelace. Vesti-me e fui até à recepção. No telefone público, marquei o número do Du Mont.

— O que é feito de ti? — perguntou ele.

— Estou no meu hotel. Qual é o número da Jennifer Lovelace?

Ele deu-mo e eu aponteio-o.

Regressei ao meu quarto e sentei-me à máquina de escrever. Estive quinze minutos a dactilografar: duas páginas de mágoas de amor. Dobrei a folha de papel, saí do hotel e meti-me na cabine telefónica do outro lado da rua, da qual liguei para a Jennifer. Desdobrando os apontamentos, fiquei a ouvir o telefone a tocar.

— Estou.

Era ela.

— Jennifer, daqui fala o Arturo Bandini.

Seguiu-se o silêncio. O suor brotou-me da pele. A voz tremia-me.

— Jennifer, gostaria que me perdoasse. Não sei porque é que destruí o seu belo manuscrito. Tratou-se de uma mera questão de inexperiência. Sou um bom escritor, Jennifer, posso prová-lo. Quero mostrar-lhe alguns dos meus trabalhos. Vai ver como sou um escritor soberbo. Não era minha intenção dar cabo do seu manuscrito. Não sou nenhum crítico, Jennifer. Apenas segui as ordens do Du Mont. Cometi um erro terrível. Será que poderemos encontrar-nos para eu lhe explicar? Gostaria de lhe revelar o grande talento que sou. Por favor, Jennifer. Dê-me hipótese de explicar...

Havia mais coisas para dizer, mas ela atalhou.

— Que tal no domingo?

— Um dia qualquer, a qualquer hora. Diga-me.

Ela deu-me a morada da sua casa em Santa Mónica e eu aponteio-a.

— Obrigado, Jennifer. Não se vai arrepender.

Ela desligou.

O sol batia-me na cara como um grande olho dourado, acordando-me. Era domingo de manhã e o dia prometia ser radiante e glorioso. Saí disparado da cama, escancarei a janela e gritei ao mundo: Olá a todos! Boa sorte para todos! Um belo dia, um novo dia. Lembrei-me do meu pai no Colorado, junto do lava-louça da cozinha, numa manhã clara de Primavera, a cantar de felicidade enquanto fazia a barba. *O Sole Mio*. Plantei-me diante do espelho da casa de banho e desatei também eu a cantar. Oh, meu Deus, se eu me sentia bem! Como era possível? Para o pequeno-almoço, descasquei e comi duas laranjas.

Com o meu elegante fato às riscas da Goodwill e o chapéu de veludo arrojado, enfiei um número da *Fénix Americana* debaixo do braço e fui a passos largos conquistar uma mulher. Desci com firmeza a Olive Street numa manhã clara de domingo. A cidade parecia deserta, a rua estava sossegada. Parei e pus-me à escuta. Ouvi qualquer coisa. Era o som da felicidade. Era o meu próprio coração a bater ao de leve, ritmicamente. Um relógio, era isso, uma pequena máquina de felicidade. Percorri a Fifth Street até ao Biltmore Hotel. Pelas portas giratórias ia entrando e saindo gente bem vestida. Eram pessoas como eu, impecavelmente ataviadas, a estirpe dos melhores.

Na entrada principal encontrava-se um porteiro fardado que parecia ter três metros ao cumprimentar-me. Eu retribuí a saudação.

— Tem horas que me diga? — perguntei.

— Com certeza — respondeu ele, olhando de relance para o relógio de pulso. — São onze horas, senhor.

— Obrigado.

Aproximei-me do lancil e espiei a longa fila de táxis, em cada um dos quais aguardava um motorista. Subitamente, rebentou-me uma ideia na cabeça. Eu iria de táxi até casa da Jennifer. Eu passara a vida inteira a querer apanhar um táxi, mas por uma série de razões, todas elas financeiras, nunca o tinha feito. Agora isso estava ao meu alcance. Podia chegar com estilo. Podia pôr-me em casa dela num instante, aguardar que o motorista me abrisse a porta e sair como um príncipe. O porteiro veio para o meu lado.

— Deseja um táxi, senhor?

— Sim.

Ele abriu a porta do táxi mais próximo e eu entrei. O motorista virou-se e olhou para mim.

— Para onde é que o senhor quer ir?

— Para o número 1724 da Eighteenth Street, em Santa Mónica.

— Olhe que é uma corrida bastante longa — disse ele.

— Não tem importância — respondi. — Não tem a menor importância.

O táxi desviou-se do lancil, virou à direita na Seventh Street e novamente à direita na Hope Street para meter pela Wilshire Boulevard. Eu observava a rua e as lojas e sentia um nó na garganta. Mas que cidade maravilhosa!

Repare-se em todas aquelas pessoas bonitas a passear com as suas roupas elegantes, saindo de igrejas e espiando as montras ao longo da avenida luminosa. Eu estava, sem dúvida, nos meus dias, na minha cidade.

O motorista tinha razão. Foi uma corrida bastante longa: custou sete dólares e vinte cêntimos. Ele carregou no taxímetro e eu conferi a quantia final. Saí do táxi e entreguei ao motorista uma nota de dez. Ele sacou do bolso o troco exacto, que eu contei. Ocorreu-me então que existia igualmente o hábito de deixar gorjeta. Ele estava a olhar para mim. Dei-lhe dez cêntimos.

Ele fez uma careta.

— Bolas, obrigadinho.

Eu virei-me e olhei para a casa da Jennifer. Parecia saída de um conto de fadas: era uma fantasia vitoriana amarela e branca, com zimbórios em ambos os cantos do segundo piso. Os zimbórios tinham a adorná-los painéis de madeira com saliências entalhadas e padrões intrincados de volutas e figuras contorcidas. Era um bolo de casamento, com todos os pormenores, excepto a noiva e o noivo. Vigorava ali altaneiro, com uma cerca de enormes figueiras, estranhamente deslocado, pertencia antes à Terra de Oz. A casa da Jennifer! Vi no alpendre os cadeirões confortáveis e sorri ao pensar que o seu traseiro maravilhoso os honrara a todos.

Ela surgiu à porta enquanto eu subia os degraus do alpendre.

— Olá! — sorriu. — Ainda bem que veio. Entre.

Ela empurrou a porta de rede e eu entrei. A sala era deslumbrante. Um piano magnífico, cadeiras faustosas, fetos gigantes, candeeiros *Tiffany* e um grande quadro a óleo sobre a lareira — de uma criança com caracóis

compridos. Ela concedeu-me tempo suficiente para examinar o retrato enquanto explicava que era um quadro de si mesma.

— Sente-se — disse ela. — A minha mãe e o meu pai estão na missa. Devem voltar daqui a nada.

— Foi à missa de manhã? — perguntei.

— Claro que sim. É católico?

— Como não? — sorri eu. — A igreja é parte integrante da minha família há várias gerações.

— Terá, portanto, ido à missa hoje de manhã...

— Naturalmente. Falhar a missa é um pecado mortal. Como bem sabe.

Ela sorriu.

— Obviamente.

Sentei-me.

— Tive, aliás, esta manhã uma espécie de disputa teológica com o meu confessor.

Ela alisou o seu vestido amarelo ao sentar-se. O rabo preencheu a cadeira como um adorável ovo posto num ninho.

— Onde fica a sua paróquia? — perguntou ela.

Ciente de que teria de haver algures em Los Angeles uma Igreja de Santa Maria, respondi:

— Santa Maria de Guadalupe.

— Não é linda? — exclamou ela. — Adoro essa igreja.

— Vou lá muitas vezes rezar.

— Estava a falar-me de uma disputa que teve com o seu confessor. A que é que se referia?

— Eu conto-lhe, mas apenas no âmbito da mais rigorosa confidência. O selo sagrado do confessionário.

Ela arquejou e levou a mão ao peito.

— Será que deve? — perguntou.

— Sinto-me obrigado — disse eu, torcendo por instantes as mãos no colo antes de prosseguir.

— Lembra-se da devassidão a que o seu manuscrito foi sujeito? Ter-se-á esquecido de como o destruí num gratuito menosprezo pelos seus sentimentos? Ter-se-á esquecido da raiva que sentiu perante esse escândalo?

Ela assentiu solenemente.

— Quando entrei no confessionário e me deparei com o padre, a minha pergunta foi a seguinte: teria eu cometido um pecado mortal ao estragar o seu trabalho? Teria isso constituído uma afronta extrema à lei de Deus? Perdoar-me-ia ele por isso? O padre olhou-me através da divisória, pôs-se a pensar e disse então: «A profanação de qualquer realização artística é um dos grandes pecados contra a lei de Deus.»

Mostrando-se terrivelmente impressionada, ela levantou-se.

— Aceita uma *Coca-Cola*, Sr. Bandini?

— Sim, obrigado.

Avançou rapidamente para a cozinha, perseguida pelo seu rabo glorioso em ritualística cadência.

Fui atrás dela. Tirou duas *Coca-Colas* do frigorífico, passando-me uma delas. Abrimos as garrafas e bebemos. Em cima da mesa estava um cesto de piquenique tapado. Levantei a tampa e espreitei lá para dentro.

— É para nós — disse ela.

— Vamos a algum lado?

— À praia.

— Ao oceano?

— Naturalmente.

— Podemos dar um mergulho?

— É para isso que serve.

— Não trouxe calções de banho.

— Pode pedir uns emprestados ao meu irmão.

Acabámos de beber as nossas *Coca-Colas*.

— Vamos a isso — disse ela.

Com o cesto de piquenique na mão, segui-a pelas escadas das traseiras até à garagem, onde estava estacionado um *Chevrolet* de duas portas. Pousei o cesto no banco de trás e meti-me ao lado dela. Ela deu à chave e seguiu pelo beco até ao cruzamento, juntando-se ao trânsito.

A um quilómetro e meio do pontão de Santa Mónica, seguindo pela Pacific Coast Highway, havia um aglomerado de bangalós fustigados pelo tempo e muito antigos. Encostámos à berma e saímos. Um trilho de madeira fez-nos atravessar uma vedação alta antes de chegarmos a uma das doze casas de campo construídas na areia. Ela rodou a chave na porta da primeira casa e entrámos. O bangaló pertencia à sua família. Não era pretensioso — um fogão, um frigorífico, mesa e cadeiras. Ao lado da cozinha havia dois quartos. Ela entrou num deles e, regressando de fato de banho preto, atirou-me uns calções para as mãos. Enquanto eu me despia, a Jennifer foi lá para fora e correu até à rebentação. Eu tirei a roupa e torci o nariz ao meu corpo branco como a neve. Fez-me lembrar um porco rosado, e receei a expressão escandalizada dela assim que eu aparecesse. Porém, deitada sobre a areia morna a ler a *Fénix Americana* com os seus óculos de massa, ela não se mostrou minimamente escandalizada.

O oceano era espantoso. Esquecendo o meu corpo pálido e nada bronzeado, contemplei o mar, maravilhado. A praia estava praticamente deserta. Um grupo de crianças que por ali passava em ritmo vivo parou para me observar; depois, entre risinhos, seguiu caminho. Consenti

cuidadosamente que as pequenas ondas me cobrissem os dedos dos pés, chapinhando de prazer. Avancei para águas mais profundas e comecei a nadar, tonificado pela rebentação fresca e pungente. O Colorado parecia estar à distância da eternidade. Disse para mim mesmo que, naquele momento, a minha mãe estaria a chegar a casa vinda da missa e a preparar o almoço. Estaria a pensar em mim, ao mesmo tempo que eu pensava nela.

Eu não tirava os olhos da Jennifer que, absorta na sua revista, não me ligava nenhuma. Quando me pus à frente dela, captei a sua atenção.

— Olhe para isto!

Dei um salto mortal, depois outro e um terceiro. Ela sorriu vagamente e retomou a revista. Eu sabia mais uns truques, pois fizera parte da equipa de ginástica acrobática da Universidade do Colorado.

— E agora isto!

Fiz uma série de rodas. Ela olhou para mim e esboçou-me um sorriso distraído.

— E agora isto!

Ergui-me sobre as mãos e encaminhei-me para a água até ficar com as mãos e os ombros submersos. Depois, desequilibrei-me. Olhei para a praia. A Jennifer desaparecera. Vi-a a progredir a custo pela areia e a entrar em casa. Fui atrás dela.

Ela estava a tirar coisas de dentro do cesto de piquenique — alface, tomate, cebolas — que lavou no lava-louça, antes de as cortar para uma taça de madeira. Pusera entretanto um avental sobre o seu lustroso fato de banho preto. Fiquei boquiaberto. A silhueta dela era voluptuosa, tentadora, irresistível. Acendi um cigarro e a mão tremeu-me, e pensei que chegara o momento. É agora

ou nunca. Não sejas tonto. Age. Este momento nunca mais voltará. Sê corajoso. Não tens nada a perder. Tens tudo a ganhar. Levante-me e lancei-me a ela, caindo de joelhos e abraçando-lhe a cintura.

— Amo-te — disse eu. — Quero-te.

Ela gingou as suas ancas soberbas para se furtar ao meu aperto. Eu aferrei-me a ela como um tigre. Pegou na taça da salada e deu-me com ela na cabeça. Senti uma inundação de maionese, azeite e vegetais ao esparramar-me no chão, arrastando-a para cima de mim.

— Seu estúpido! — gritou ela. — Larga-me! Seu doido varrido!

Entregámo-nos a uma espécie de violência inexplicável, engalfinhados um no outro, deslizando pelo chão, lutando sem sentido. Ela gritou quando eu lhe mordi o rabo. Pôs-se de gatas e escapou dos meus punhos, metendo-se no quarto e fechando a porta com um pontapé.

Eu fiquei sentado a ofegar num atoleiro de temperos de salada. O que fizera eu? Sobre o chão sujo jazia o meu número da *Fénix Americana*, manchado de azeite e maionese. E agora?, perguntei eu. Desanda, respondi eu. Dá à sola. Pira-te daqui. Rastejei até uma cadeira e reparei nos arranhões que tinha no peito e nas pernas. O fim do mundo. O meu fim. O fim do meu amor. A porta do quarto abriu-se e ela saiu. Vinha a limpar o corpo a uma toalha, livrando-se dos temperos da salada. Não disse nada.

— Peço desculpa — disse eu.

— Seu filhodamãe! — disse ela, pegando nas chaves que estavam em cima da mesa e dirigindo-se para a porta. — E mais uma coisa — atirou ela —, a Igreja de Santa Maria de Guadalupe não existe!

E foi lá para fora. Eu persegui-a pelo portão até à estrada. Ela meteu-se no carro e arrancou.

Apeteceu-me chorar, mas a minha imbecilidade assoberbou-me. Regressei ao bangaló, despi os calções de banho e meti-me debaixo de um duche frio. Limpei-me a uma toalha, vesti-me, fechei as portas de casa e saí para perto da estrada. Do outro lado da rua, alguns banhistas desciam do cimo das escarpas por um caminho íngreme. Atravessei a estrada e comecei a subir esse caminho. Fui dar à Ocean Avenue e a um terminal de eléctricos. Apanhei o eléctrico seguinte e regressei ao hotel.

Ao rodar a chave na porta, ouvi um rádio do lado oposto do corredor. A canção que estava a tocar era *Begin the Beguine*. Entrei no meu quarto, despi-me e vesti um roupão. Era quase noite, uma noite escura, solitária e erótica. Saí do quarto, atravessei o corredor e bati à porta dela. O rádio desligou-se e ela gritou:

— Entre.

Abri a porta.

Estendida em cima da cama com uma camisa de noite cor-de-rosa, ainda a ler o *Nana*, ela fez um esgar.

— O que é que tu queres?

— Vamos lá foder — disse eu.

A derradeira aventura de Arturo Bandini, a grande personagem criada por John Fante à sua própria imagem, leva-nos até uma época inglória, numa cidade frenética de um país destruído: Los Angeles nos anos 1930.

Jovem aspirante a escritor, em busca de fama, com 21 anos, bolsos vazios e a alma carregada de sonhos: eis Arturo Bandini. À falta de melhor, vai tentar ganhar a vida trabalhando como empregado de mesa no bairro de Bunker Hill, apinhado de imigrantes, bandidos e lunáticos. Não foi com esta Los Angeles que sonhou, mas é esta a história que nos irá contar.

Com genuína compaixão e admirável engenho, Bandini vai relatando episódios burlescos e absurdos, protagonizados pelos figurões com quem se cruza e que serão determinantes para que o herói encontre finalmente aquilo que o conduziu à cidade: uma voz literária. Será essa descoberta que o levará a Hollywood e, por fim, à tão almejada fama e fortuna. Mas conseguirá Bandini encontrar resposta para as inquietações que o consomem?

Sonhos de Bunker Hill é o quarto e último romance da saga Bandini. Ditado por John Fante, já cego pela diabetes, à sua mulher, foi publicado em 1982, um ano antes da morte do autor.

Publicada originalmente nos anos 1930, a saga de Arturo Bandini – *A primavera há de chegar, Bandini; Estrada para Los Angeles; Pergunta ao pé; Sonhos de Bunker Hill* – é a grande obra de John Fante, nome incontornável da literatura americana, mentor de vultos como Charles Bukowski. Reeditada nos anos 1980, por recomendação de Bukowski, foi descoberta por uma nova geração de leitores, alcançando o estatuto de obra de culto. Não ler John Fante é ignorar uma página imperdível da literatura do século xx.






«Os romances de John Fante são do melhor que a literatura americana alguma vez produziu. Fante teve uma grande influência em mim.

Ele era o meu deus.» **Charles Bukowski**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897842054



9 789897 842054 >